

O Envelhecimento Feminino na Escrita de Lygia Fagundes Telles

Susana Moreira de Lima (UnB)¹

Resumo: Neste artigo, observa-se a protagonista do conto “Apenas um saxofone”, de Lygia Fagundes Telles, a personagem de meia-idade, Luisiana, tomando consciência do resultado da ação do tempo em seu corpo, o envelhecimento. Nessa circunstância, a memória é acionada e a volta ao passado dá-se pela evocação do som de um saxofone, trazendo à narrativa suas reflexões acerca do que foi e do que se tornou sua vida, reconstituindo metonimicamente o amor da juventude a partir desse instrumento musical, tocado pelo amado à época. Essa lembrança provoca uma revisão do eu e desencadeia profunda dor pela perda do amor e da juventude. Nesse contexto, examinam-se as estratégias de representação da experiência feminina de envelhecer, e a dor que pode acompanhar esse processo.

Palavras-chave: envelhecimento feminino, corpo, memória, representação do eu, dor.

Levanto a pele das personagens
que é a pele das palavras,
quero o mais íntimo,
o mais secreto
e nessa busca me encontro

Lygia Fagundes Telles

1 INTRODUÇÃO

Ao comentar o poema “Velhice”, de Vinícius de Moraes, Maria José Samerlate Barbosa afirma que, no mesmo, a descrição de velhice é feita como se esta fosse “um bloco monolítico, ignorando possíveis diferenças de contextos sociais e culturais” e que “não há nenhuma aceitação positiva da idade avançada”. A autora observa ainda que “grande parte do poema de Moraes dedica atenção à degradação e à decadência biológica [...]”, situando o corpo como *locus* absoluto do ser:

esse “culto do corpo”, ou seja, a transferência de todos os valores morais, sociais, culturais e históricos da pessoa humana para a parte biológica vulnerabiliza o ser humano de uma forma que o envelhecimento se torna doloroso tanto para a pessoa envelhecida/envelhecendo quanto para os que estão ao seu redor. (BARBOSA, 2003, p. 271)

Quando se trata do envelhecimento das mulheres esse processo agrava-se, pois o apelo à permanência da juventude como preservação de beleza é palavra de ordem numa sociedade em que é imperativo ser bela e jovem. Deste modo, a possibilidade de se estar bem nesse espaço passa pelo corpo antes de tudo. De acordo com Samerlate Barbosa, “a sexualidade na idade avançada não se insere nos padrões normativos de produtividade, porque a menopausa é considerada a passagem para a

¹ Doutora em Literatura brasileira pela Universidade de Brasília – UnB.

margem do corpo fenecido, o ponto onde os ovários param de produzir” (2003, p. 265), daí o costumeiro silêncio em torno desse tema, o interdito ao redor dessa questão para a mulher envelhecida, já que “um dos estereótipos mais arraigados sobre mulheres idosas é a imagem da mulher velha descrita como aquela que não possui nem evoca sentimentos sensuais ou apaixonantes” (BARBOSA, 2003, p. 265).

A consciência do envelhecer, de se estar pisando em caminho irreversível, coloca as mulheres em conflito, no mínimo com o espelho. É essa consciência que põe a personagem Luisiana, protagonista de “Apenas um saxofone” (TELLES, 1996, pp. 60-9), conto de Lygia Fagundes Telles, em confronto com o próprio envelhecimento.

2 A MULHER NO ESPELHO DA MEMÓRIA

Nessa narrativa, a autora apresenta-nos uma mulher de “quarenta e quatro anos e cinco meses”, que, ao ver-se cercada de solidão e riqueza, questiona a felicidade. É a mulher no espelho e sua reflexão sobre o passado, deflagrada pelo som de um saxofone, símbolo de felicidade perdida, que a transporta pela memória para outro espaço e tempo.

Podem-se recuperar, pela memória, pessoas, gestos, sons, objetos que, na verdade, simbolizam o tempo perdido, o desejo de resgatar algo que só foi valorizado no momento de maturidade da vida. Este é o caso de Luisiana que, em crise existencial, já satisfeita de outras necessidades, agora quer apenas “ouvir o saxofone”. Ela mergulha na memória, guiada pela música na figura de um objeto-símbolo remetendo-se a outro tempo, e transporta-se para outro espaço de sua vida, o qual percorre, recordando-se de um amor da juventude. “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1994, p. 55). Sob essa ótica, a voz narradora coloca-nos diante dessa personagem no instante em que ela se depara com sua juventude ao lembrar-se do que passou e agora não há mais.

quero deixar bem claro que a única coisa que existe para mim é a juventude, tudo o mais é besteira, lantejoulas, vidrilho. Posso fazer mil plásticas e não resolve, no fundo é a mesma bosta, só existe a juventude. Ele era a minha juventude, só que naquele tempo eu não sabia, na hora a gente nunca sabe nem pode mesmo saber, fica tudo natural como o dia que sucede à noite, como o sol, a lua, eu era jovem e não pensava nisso como não pensava em respirar. Alguém por acaso fica atento ao ato de respirar? Fica, sim, mas quando a respiração se esculhamba. Então dá aquela tristeza, puxa, eu respirava tão bem... (AUS, p. 65) 2.

Este trecho da narrativa sugere a reflexão da personagem frente ao espelho, porém, o objeto citado para essa observação é uma fotografia. Esta, para uma mulher madura, não deixa de ser um espelho às avessas, pois pode mostrar seu reflexo da juventude presa para sempre nessa moldura, sem possibilidade de volta. Não há como

² Será usada a sigla AUS, seguida do número de página toda vez que no corpo do texto se fizer citação do conto “Apenas um saxofone”, de TELLES, em *Oito contos de amor*.

recuperar essa imagem. Segundo Mary Del Priore, “a tirania da perfeição física empurrou a mulher não para a busca de uma identidade, mas de uma identificação”. Há o risco de armadilhas, pois, apesar de suas conquistas, as mulheres chegam também a frustrações, já que nossa sociedade “mira cada vez mais nos valores da juventude e progresso”. No campo da medicina “todos os esforços são investidos para dissolver a velhice. Para reduzi-la.” (PRIORE, 2000, p. 13), isto porque há um apelo social para retardar a velhice, especialmente para as mulheres, pois seus corpos vivem sob o regime da ditadura da beleza que, em nossa cultura, é sinônimo de juventude.

Nossa sociedade reserva à juventude o benefício e à velhice o déficit. A civilização moderna não espera, esgota-se no ato, de tal modo que o termo envelhecimento, aplicado ao indivíduo conservou tão somente seu despojo pejorativo, sinônimo de perda. Ao passo que em outras sociedades [...] o envelhecimento é pensado [...] em termos de aquisição e progresso (PRIORE, 2000, p. 13).

O envelhecimento é feito de perdas e aquisições ao longo de toda a vida. No caso de Luisiana, a ênfase da discussão proposta no texto é o ganho de bens materiais, questionado frente à constatação do declínio da juventude, o que leva a personagem a pensar sobre o que realmente importa na vida. Ela confronta a jovem que foi com a mulher que se tornou, analisando sua vida a partir da observação dos objetos que a cercam em sua casa, que fala muito de si, de como foi sua vida para chegar a ser o que é. A personagem percebe que o tempo passou e a modificou, deu-lhe muitas coisas, mas tirou-lhe outras, especialmente a juventude. O processo de percepção do envelhecer feminino é denotado pelo discurso da narradora-personagem que apresenta uma mescla de suas lembranças e detalhes de sua casa.

3 DA MULHER-OBJETO À MULHER E SEUS OBJETOS

Nesse conto, a perspectiva é dada pela narradora através do percorrer de seu olhar pela casa e pelos móveis. Paralelamente a essas descrições há pequenas narrativas de quando os objetos foram adquiridos, de que modo fora decorada a casa, por outros; fala de sua relação com essas pessoas e com a construção desse espaço que, embora vasto e rico, não abarca sua imensa falta do objeto perdido, o seu amor da juventude ou a própria juventude. Ao focalizar objetos, a voz narrativa narra também seu percurso pela vida, fala de viagens e do desenvolvimento de um gosto que não expressa o desejo dela, mas o gosto que define quem Luisiana pode ser ao denotá-lo, num tempo em que ela achava importante a opinião alheia.

A narradora-personagem deixa clara sua conscientização da banalidade que orquestrou seus passos até então; aproxima as coisas e ela mesma numa metáfora que as une no mesmo plano de iluminação. No conjunto dessas representações associam-se seu envelhecer ao escurecer: “coisas que compreí no mundo inteiro, coisas que nem sabia que tinha e que só vejo agora, justo agora que está escuro. É que fomos escurecendo juntas, a sala e eu” (AUS, p. 61).

A idade madura dá a Luisiana um olhar distanciado de suas atitudes no tempo de juventude, esse novo olhar permite-lhe enxergar que “anoiteceu e faz frio”,

apesar de seu tapete persa, reconhecendo que “fazia menos frio no nosso quarto com as paredes forradas de estopa e o tapetinho de juta no chão” (AUS, p. 60). A partir de sua compreensão de que todos que a rodeiam são movidos por interesses ou apenas levados a cumprir tarefas remuneradas, a personagem isola-se, afasta todos de si e vai esculpindo sua solidão, seu retrato, visto dessa altura de sua vida.

Na perspectiva do corpo feminino, observa-se que, em “Apenas um saxofone”, Luisiana faz uma escolha movida por uma necessidade de ascensão social, criada pela própria sociedade, ideias subliminares às quais ela adere na juventude, num jogo ideológico, estimulador do desejo por dinheiro e poder. Daí a exploração de seu corpo em troca de dinheiro. Porém, a exploração da mulher dá-se de diversas outras maneiras.

Com a maturidade, Luisiana percebe que é explorada de outro modo. O fato de ser rica faz dela um alvo de oportunistas e não lhe confere apreço, afeto verdadeiro, apenas atrai atitudes e olhares interesseiros. As pessoas que a cercam são pagas para satisfazerem seus desejos e ela, por sua vez, ganha dinheiro satisfazendo o desejo de alguém. A preocupação dessa mulher no enfoque do texto é sua busca de um modo de reparar o engano cometido com seu amor da juventude. Por isso é que a dor aparece impregnada no discurso da personagem que repete muitas vezes expressões denotativas de seu remorso e desejo de saber que ele ao menos que esteja vivo. Ela é capaz de reconhecer, agora com o envelhecer, a tolice de sua atitude e de compreender as razões que a fizeram entrar nesse processo, porém não pode evitar a dor, então esta constitui o fio narrativo dessa história composta, mais que de amor e dor, de uma “escrita do eu” que vem contando histórias de mulheres e suas dores, seja pela repressão, seja pela “ditadura da beleza”, seja por outros fatores, mas que lhes permitam falar delas, mesmo que para dizer que “doeu”.

A representação do instante em que a personagem depara-se com a fatura do tempo em sua vida surpreende-a. Ela flagra o trabalho do tempo, esse escultor, esse modificador, esse agente invisível e ágil, passando. Só quando olha para trás é que ela pode ver o que foi construído e o que ficou destruído com a passagem desse elemento sutil, o tempo, ao olhar para si mesma e ao redor, percebendo as mudanças e identificando como foi que tudo se modificou. Nesse momento, sabe que está mais velha e acredita que o tempo passou mesmo. Essa medida é dada, principalmente, pelas alterações visíveis do corpo.

As discussões sobre temáticas femininas arranjam-se como uma teia, convergente para um centro, ocupado pelo sexo. Muitas outras questões femininas vão sendo naturalizadas a partir das conquistas sociais e políticas, mas as sexuais, primeiro por causa da histórica repressão, depois por causa do “mito da beleza” que invade a cultura do que é “feminilidade bem-sucedida” (WOLF, 1992, p. 13), ainda ficam por serem desvendadas, persistem, porque há mais coisas envolvidas nessa questão, fatores psicológicos profundamente enraizados, impregnados nas mentes pela educação, pela religião, enfim, toda a nossa cultura é constituída de mil olhos críticos, interrogativos, de espanto ou curiosos em torno da sexualidade feminina. Na velhice, então, mais espantados ainda. É por essa razão que textos a esse respeito escritos por

mulheres articulam um novo ponto de discussão, abrem um outro espaço de enunciação, que atinge um novo campo de observação e, quem sabe, propiciem que a beleza e a sensualidade da mulher, em diferentes idades, possam ser vistas e admiradas, mais que por outrem, por nós mesmas, sem as amarras da padronização e, como propõe Naomi Wolf,

talvez esqueçamos de levar estranhos a nos admirarem, e descubramos que isso não faz a menor falta. Talvez aguardemos o envelhecimento do nosso rosto com expectativa positiva e nos tornemos incapazes de considerar o nosso corpo um monte de imperfeições, já que não há nada em nós que não seja precioso. (WOLF, 1992, p. 388)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mesmo tempo em que ocorre a enunciação na narrativa, o corpo da personagem projeta-se sobre o cenário enunciativo. Ao descrever esse cenário e as personagens em seus contextos, o narrador “instaura o espaço de enunciação” (MAINGUENEAU, 2001, p. 183). Deste modo, quando apresentada pela voz narrativa, a protagonista do conto analisado neste trabalho entra em cena atuando em seu papel de mulher madura tomando consciência de si. Assim, o corpo dessa personagem desloca-se no espaço narrativo, reconhecendo-se nos espaços de sua casa e, pela memória, em espaços que percorreu para galgar seu lugar no mundo, agora questionado. Nessa perspectiva, ocupando lugares antes inabitados por corpos femininos, as palavras que ela enuncia instauram a presença dela nesse espaço, assim como a criação dessa narrativa. Esta inscreve no contexto literário uma composição de saber feminino com escrita de uma mulher que, ao criar uma narradora a descrever o contexto de uma personagem feminina envelhecida, em sua intimidade sexual, é desbravadora de tabus e está sedimentando espaços para que mais mulheres possam ser “sujeito” da própria enunciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria José Somerlate (Org.). *Passo e compasso: nos ritmos do envelhecer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller: revisão de tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. 2. ed. Trad. José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999.

TELLES, Lygia Fagundes. "Apenas um saxofone". Em *Oito contos de amor*. São Paulo: Ática, 1996, pp. 60-69.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres*. Tradução: Waldeia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.